

## Resumo do estudo “O gado bovino no Brasil”, de Sergio Schlesinger

### Introdução

A criação de gado bovino no Brasil é a atividade econômica que ocupa a maior extensão de terras. Segundo o censo agropecuário de 2006, as áreas de pastagens ocupam no país aproximadamente 172 milhões de hectares, enquanto as destinadas à lavoura totalizam menos de 77 milhões de hectares.

O Brasil possui o segundo maior rebanho bovino do mundo, suplantado apenas pela Índia. Entre 1990 e 2007, a produção de carne bovina mais que dobrou, passando de 4,1 para mais de 9 milhões de toneladas, com ritmo de crescimento bem superior ao de sua população e de seu consumo. Esta combinação de fatores fez com que o Brasil se tornasse, a partir de 2004, o maior exportador mundial. Hoje, as regiões Norte e Centro-Oeste, onde se situam a floresta amazônica e o cerrado, são as que apresentam as maiores taxas de expansão do rebanho bovino no Brasil. Estudos recentes apontam também forte efeito da produção pecuária sobre o efeito estufa, além do já conhecido fator de desmatamento.

Com vistas ao mercado externo, dados oficiais sobre o total do rebanho brasileiro e da área ocupada pela pecuária, além de informações sobre áreas degradadas, qualidade da carne, variam tremendamente. O ponto aqui é a preocupação com a imagem do Brasil, de modo a não prejudicar as exportações.

### Breve histórico

#### *1 - A região Nordeste*

O desenvolvimento inicial do rebanho bovino no Brasil não está voltado ao abastecimento do mercado externo, mas sim para subsidiar a atividade exportadora de açúcar, uma vez que o boi cumpria as funções de movimentação dos moinhos de cana e de transporte da produção. O couro também era aproveitado. Desta forma, as terras mais férteis (normalmente no litoral) eram reservadas à cana-de-açúcar, havendo uma proibição para a criação de gado nesta região.

Com isto, a pecuária de corte se estabelece no Brasil, em escala considerável, no interior da região Nordeste, o sertão, e passa a abastecer os núcleos povoados do litoral norte, do Maranhão até a Bahia. Por se tratar de uma região com regimes de chuva irregulares, alternando longos períodos de seca a precipitações arrasadoras, o gado, além de pouco proporcionalmente à área ocupada, era de baixa qualidade. Em razão disso, a atividade se espalhou pelo Nordeste, seguindo o curso dos raros rios permanentes como forma de buscar terras mais propícias.

Já naquela época, a pecuária tinha as mesmas características de hoje: produção extensiva e sem estabulação. A mão-de-obra utilizada não poderia ser escrava em virtude das grandes porções de território com escasso povoamento. Desta forma, quem trabalhava nas fazendas eram índios, mestiços e foragidos da polícia em busca de liberdade.

A forma adotada para remunerar o trabalho dos agora chamados vaqueiros contribuiu ainda mais para multiplicar o número de fazendas. Após quatro ou cinco dias de trabalho, estes eram pagos com um quarto das crias que nasciam, passando a ter condições para desenvolver seu próprio estabelecimento. Em geral, arrendavam as terras necessárias de seus senhores, que por sua vez as haviam recebido do governo colonial.

#### *2 - Minas Gerais*

O segundo pólo de desenvolvimento é a capitania de Minas Gerais, cujo gado passa a abastecer as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro. Melhores condições de solo e clima irão favorecer a adoção de melhores técnicas de criação de gado. O leite, ao contrário do que se dava na região Nordeste, onde apenas alimentava a população local, passa a ser beneficiado, dando origem às primeiras indústrias de laticínios. A introdução do uso de cercas em propriedades e pastos é outra inovação importante, reduzindo a necessidade de vigilância sobre o gado. Embora não se dispense a prática de queimadas, adota-se a rotação de áreas de pasto. É introduzida a ração de farelo de milho como complemento alimentar.

#### *3 - Os campos do Sul*

Embora reunisse as melhores condições climáticas, topográficas e hidrográficas do país para tal, a criação de gado nos campos do Sul de maneira organizada e sistemática teve início muito depois

daquelas desenvolvidas no Norte e no Sudeste do Brasil, em virtude, principalmente, das disputas entre espanhóis e portugueses pelas terras da região Sul. Para fixar fronteiras, foi tentado um sistema de colonização que o distinguiam nitidamente da aplicada ao restante do país. Como não se tratava de uma região apta para a produção de gêneros tropicais de grande valor comercial, foi-se necessário recorrer às camadas mais pobres e médias da população e conceder grandes vantagens aos colonos que aceitavam estabelecer-se ali.

Desta forma, o que se vê na região Sul da época (a partir de 1680) são grandes fazendas de gado, conhecidas como estâncias, com mão-de-obra familiar. Mesmo com as guerras incessantes até 1777, o gado foi multiplicado rapidamente. Ele foi o responsável, inclusive, pelo prolongamento destas lutas, pois alimentou os exércitos com sua carne.

Estabelecem-se então as primeiras estâncias regulares, sobretudo na fronteira. Nessa época, há grande distribuição de terra para consolidar a posse portuguesa e, apesar da limitação legal das concessões, de 108 km<sup>2</sup> para cada concessionário, os abusos aconteciam aos montes e formaram-se propriedades monstruosas.

A pecuária se firma e organiza solidamente, prosperando com rapidez. O negócio foi, a princípio, a produção de couros, exportados em grande quantidade. A carne era então desprezada, pois não havia quem a consumisse. Somente no final do século 18, a criação da indústria de charque, em paralelo à decadência da pecuária nordestina, iria conferir importância à região Sul, como produtora e fornecedora de carnes às demais regiões do país. No século 19, a carne charqueada do Sul do Brasil alcançaria também o mercado externo. É nesta região que surge pela primeira vez as grandes propriedades, muitas vezes com 15 a 20 mil cabeças.

## O século 20

Do começo do século 20 até a 1ª Guerra Mundial, chegam ao Brasil os grandes frigoríficos estrangeiros que sinalizam um novo cenário e que prevalece até os dias de hoje: não visam o mercado brasileiro, mas apenas a exportação de carne para a Europa.

Os dados dos Recenseamentos de 1940, 1950 e 1960 revelam elevadas taxas de crescimento da pecuária bovina neste período. Entre 1940 e 1967, as pastagens aumentam quase 35 milhões de hectares e o rebanho bovino mais que dobrou, passando de 44,6 milhões para 90 milhões no mesmo período. Naquela época, o crescimento ainda se justificava pelo aumento do consumo doméstico de carne, leite e laticínios.

Em parte, a considerável expansão das pastagens se fez em terras desocupadas, como em São Paulo, Goiás e Mato Grosso, onde aliás, a expansão prosseguiu em ritmo acelerado por longo tempo, correspondendo às perspectivas de intensificação das exportações de carne.

Em boa parte, a extensão das pastagens representa uma substituição da agricultura pela pecuária. Não exigindo mão-de-obra numerosa, com custo reduzido e com solos de baixa fertilidade e exauridos e sendo de fácil instalação, a pecuária representa uma atividade de substituição ideal na terras desgastadas onde os rendimentos agrícolas se tornaram excessivamente baixos.

Essa substituição já vinha acontecendo em quase todas as antigas regiões agrícolas (RJ, SP e MG), mas ela se acentuou devido à forte valorização da carne bovina decorrente da 2ª Guerra Mundial no mercado internacional. Segundo Caio Prado Jr. *“Tal fato, se representa uma solução para grandes propriedades decadentes e em crise, significa do outro lado um nítido retrocesso econômico. A densidade econômica da agricultura (produção por unidade de área) é sensivelmente superior à da pecuária. Além disso, a criação de gado significa o despovoamento, com todas suas graves conseqüências (...) pois não somente exige muito menos trabalhadores que a agricultura, como ainda alimenta menor número de atividades subsidiárias.”* Em muitos lugares, o gado vai expulsando literalmente a população local.

Por volta de 1970, Mato Grosso já se tornava uma das maiores regiões pecuárias do país e em 1973, o rebanho brasileiro contava com 90 milhões de cabeças de gado e já era o terceiro do mundo. Na década de 70, o rebanho nacional cresceu 5% ao ano, sendo bem mais expressivo nas áreas de pastagens cultivadas e mais marcante nas regiões Norte e Centro-Oeste. Essa tendência se manteve na década de 80, quando o Centro-Oeste passou a ter o maior rebanho bovino do país. Porém, no início dos anos 90, com a exploração da floresta amazônica e a introdução de pastagens cultivadas na região Norte, esta passou a sofrer também o incremento da pecuária bovina e, conseqüentemente, ocorreu a diminuição da intensidade na região Centro-Oeste.

## O crescimento do gado na Amazônia

A partir da década de 60 e principalmente dos anos 70 em diante, a ocupação da Amazônia passa a ser percebida pelo governo militar da época como solução para as tensões sociais internas vividas no país, decorrentes da expulsão de pequenos produtores do Nordeste e do Sudeste por uma agricultura mais moderna. O BASA (Banco da Amazônia S.A) e a SUDAM (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) foram os dois instrumentos financeiros do governo brasileiro para desenvolver atividades agropecuárias na região.

Foi a partir de então que a Amazônia Legal conheceu a expansão da pecuária, através de linhas de crédito, incentivos fiscais, além de isenção de impostos e outras vantagens. A estratégia era transformar o Brasil num grande exportador de carne. Entre 1990 e 1994, no conjunto da Amazônia Legal, o rebanho bovino se expandiu a uma taxa média de 7,4%, cerca de três vezes mais que o Brasil como um todo (com maior concentração nos Estados do Mato Gross, Pará, Rondônia e Tocantins).

Existe uma série de motivos que levam os produtores a optar pelo desenvolvimento da pecuária na Amazônia, como a existência de mercados e cadeias produtivas bem organizadas, em contraste, na região da Transamazônica, com a ausência de mercado para produtos agrícolas; boa qualidade do pasto e resistência contra espécies invasoras; alta produtividade da pastagem por conta do processo de mineralização de nutrientes da floresta; baixo preço da terra, etc. Além disso, os produtores daquela região do país se beneficiam de créditos mais favoráveis e da baixa aplicação do código florestal, o que dá margem à exploração ilegal da madeira, constituindo uma fonte de renda adicional.

### Tendências

Projeções da consultoria AgraFNP indicam que o rebanho bovino brasileiro será de 183 milhões de cabeças em 2017, representando aumento de 7,8% em relação ao número atual. Em relação à exportação, a perspectiva é de que o mercado externo passe a ser responsável por 32% do total das vendas de carne nos próximos anos. Atualmente, o mercado externo representa 28% de toda a carne produzida no país.

### Produção mundial

O Brasil é o principal exportador mundial de carne bovina e o primeiro fornecedor da EU, com 65,9% do volume físico das importações e 56,5% do valor total do envio do produto ao bloco europeu, em 2007.

Segundo dados do USDA, em 2006 foram produzidos 53,5 milhões de toneladas de carne bovina no mundo. Os destaques ficam por conta do crescimento da produção (i) nos EUA, que demonstraram recuperação de sua produção, afetado em 2004 pela ocorrência do mal-da-vaca-louca; (ii) no Brasil, em vista da crescente demanda no mercado interno e internacional; e (iii) na China, em razão do elevado crescimento do seu consumo doméstico.

Apesar de deter o quarto maior rebanho bovino do mundo, os EUA são os maiores produtores globais de carne bovina. Esse fato deve-se à elevada taxa de desfrute nesse país, de 35% em 2006, que é influenciada por diversos fatores tais como espécie do gado, forma de criação (confinamento), utilização de hormônio de crescimento e qualidade e tipo de alimentação do animal. Para efeito de comparação, em 2006, o Brasil registrou uma taxa de desfrute de 22,4%, resultado principalmente da forma de criação do rebanho, predominantemente extensiva. Enquanto isso, China e Rússia possuem as maiores taxas de desfrute do mundo, 41% e 43%, respectivamente.

### Exportações brasileiras

Em 2007, as exportações brasileiras de carne bovina somaram 2,5 milhões de toneladas com alta de 5,1% sobre 2006. Os principais países de destino da carne bovina brasileira são Rússia, Egito, Hong Kong e Reino Unido.

### A indústria frigorífica

A indústria frigorífica no Brasil é constituída por 24 empresas. O total do abate em 2007 foi de cerca de 44 milhões de animais; e os cinco maiores frigoríficos brasileiros detêm 35% desse mercado. Poucas empresas realizam controle de qualidade dos animais adquiridos, preferindo ter como fornecedores os criadores que oferecem animais mais uniformes, especialmente em peso, e com couro de melhor qualidade.

A indústria pode ser dividida em dois grandes grupos: a) direcionado a atender os segmentos do mercado que exigem conformidade do produto, como o mercado externo e grandes redes supermercadistas; e b) direcionado prioritariamente a mercados regionais, tendo no preço sua principal variável econômica.

### Participação do BNDES

O setor de carnes é o principal segmento do agronegócio apoiado pelo BNDES. Desde 2005, os desembolsos em crescendo expressivamente, acompanhando o crescimento do setor, evidenciando a importância que o BNDES atribui às modificações pelas quais vem passando a cadeia, tanto no que toca à incorporação de novas tecnologias na criação de bovinos, como no posicionamento das indústrias frente aos mercados nacional e global.

Por suas dimensões gigantescas, a pecuária é, em geral, considerada a atividade econômica que, em seu conjunto, mais impacta o meio ambiente no Brasil. A destruição de ecossistemas (juntamente com outras atividades agrícolas e madeireiras, a pecuária é apontada como um dos principais vetores de expansão da fronteira agrícola, ameaçando biomas como Cerrado e Amazônia); degradação do solo e poluição dos recursos hídricos, são alguns desses impactos.

### Contribuição para o efeito estufa

Outro impacto significativo, que vem sendo estudado mais recentemente, no âmbito das pesquisas a respeito das mudanças climáticas, é a emissão de gases do efeito estufa. Estimativas apontam que, em termos mundiais, o gado bovino é responsável por 9% destes gases, participação superior até mesmo a do setor de transportes.

### A investida dos frigoríficos brasileiros no exterior

Mais da metade do mercado mundial de carne bovina está hoje nas mãos de empresas brasileiras. O que explica o fato é o movimento de internacionalização do setor, iniciando em 2005, que ganhou força em 2007, quando frigoríficos como JBS-Friboi, Bertin e Marfrig fizeram grandes aquisições, no exterior, e prosseguiu com intensidade até o início da crise financeira global, em 2008.

A partir dos anos 1990, as empresas desenvolveram novas estratégias de crescimento. Quando, a partir de 2002, o preço do boi gordo sofreu um decréscimo, a expansão das empresas se acentuou. Os frigoríficos ampliaram a produção e a abrangências de atuação, tornando-se empresas de âmbito nacional. Essa estratégia diminuiu a dependência da matéria-prima de uma única região, evitando o risco de desabastecimento.

A partir de 2005, a indústria bovina brasileira começou a adquirir empresas fora do território nacional. A princípio, no âmbito do MERCOSUL e, de 2007 em diante, abriu-se caminho para aquisições em outros continentes, como Europa, Ásia e Oceania.

A internacionalização da indústria frigorífica brasileira beneficiou-se de dois fatores: a forte valorização do real e o incentivo do BNDES à internacionalização da indústria brasileira mediante financiamentos e participação acionária.

Essa estratégia flexibilizou as operações de empresas brasileiras e permitiu que tivessem acesso a mercados tradicionalmente fechados, como EUA, Japão e Coreia do Sul. A internacionalização foi uma saída encontrada pelo setor também para driblar barreiras, tanto comerciais quanto sanitárias, que afetam suas exportações a partir do Brasil.